

Governadores resistem ainda ao nome de Ulysses

Arquivo/12-12-87

Arquivo/3-3-88

BRASÍLIA — Quase dois meses depois de terem alertado o Deputado Ulysses Guimarães sobre os riscos eleitorais que está correndo, alguns Governadores do PMDB ainda não se animaram a participar da campanha do partido. O nome de Ulysses ainda não empolgou em vários Estados e os Governadores estão perplexos com a penetração do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, em suas bases.

As dificuldades eleitorais de Ulysses foram o prato cheio dos quatro Governadores que estiveram em Brasília nos últimos dias. Miguel Arraes (PE) puxou o coro, ao afirmar que o PMDB não pode subir ao palanque com um discurso radical, sem assumir a sua parcela de culpa pelos erros do Governo Sarney. Dado o recado, Arraes apressou-se a conversar com representantes da frente de esquerda que apóia o candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva. O nome de Collor avança em Pernambuco.

Outros Governadores que resistem à candidatura de Ulysses, como Alvaro Dias (PR), Tasso Jereissatti (CE) e Geraldo Mello (RN), que também estiveram em Brasília, estão, na verdade, em busca de uma alternativa melhor, mas sem afobação. A



Arraes: conversas com a esquerda

seus interlocutores deixaram claro que, se o desempenho de Ulysses não melhorar até julho, vão procurar outra solução, já que não podem sacrificar o último ano de administração, quando tentarão fazer seus sucessores e influir na renovação da Câmara e Senado.

Um dia depois de Arraes se encontrar com os aliados de Lula, Tasso Jereissatti jantou com Fernando Collor, a quem apontou uma restrição: o



Tasso: aproximação com Collor

programa econômico que prevê a retirada o aval da União à dívida externa dos Estados, municípios e empresas estatais. Para Tasso, isso significa moratória, uma vez que os Governos estaduais terão de negociar diretamente com os credores e assumir que não têm condições financeiras para arcar com o pagamento. Mesmo sem falar diretamente com Collor, Alvaro Dias também bombardeou a proposta, que considera "um absurdo".